

'O capital estrangeiro que se adapte à nossa conveniência'

Em entrevista ao "Estado", Brizola defende correção do câmbio e revela o que vê como prioridades de governo

WILSON TOSTA

RIO – O ex-governador Leonel Brizola, presidente do PDT, defende a adoção de medidas de correção do câmbio “para dar oportunidades de exportação de produtos brasileiros”. Para ele, o câmbio é uma das causas do déficit público e isso precisa mudar. “O capital internacional que se adapte à nossa conveniência.”

Apesar disso, ele não fala em números, alegando que isso não cabe à frente das esquerdas, “na condição de oposição”, mas ao governo. Brizola deixa claro que suas posições são as do PDT e ainda serão discutidas pela frente para definir o programa de governo. A seguir, os principais trechos de entrevista concedida ao **Estado** na sexta-feira:

■ **Câmbio** – A mudança tem de ser feita naturalmente, de forma prudente, paulatina, e o capital internacional que se adapte também às nossas conveniências.

■ **Abertura** – Sobre fechar ou não a economia ao exterior, achô que cada setor, cada caso é um caso a ser estudado. Precisamos ter desenvolvimento industrial. Quando a gente começa, é natural... Como uma plantinha que precisa de proteção até que o vento não a derrube e o grão não consiga matá-la. No exterior, têm mais tecnologia e condições de capital até para fazer dumping, e nós não temos condição sequer de saber. Por exemplo: os produtos chineses, coreanos ou mesmo europeus. Que sabemos nós se estão tendo subsídios ou não? Mas nada de fechar tudo nem assumir regras gerais. A não ser com muito cuidado, quando tivermos de estabelecer certa reciprocidade. Podemos ter aqui até produtos mais baratos e melhores que os nossos, mas isso é uma situação ilusória. Depois que liquidarem com a nossa produção, vão impor os preços que quiserem.

■ **Dívida externa** – No governo Fernando Henrique a dívida externa aumentou muito e a interna dolarizou-se. O endividamento tomou conta do Orçamento. Não tem dinheiro para educação, saúde, etc.. Então, tem de chamar o capital internacional e entregar tudo, com o argumento de que não temos mais como investir. Não temos de nos subordinar, subordinar nossa moeda, nossa economia, aos especuladores internacionais. Vamos nos inserir no mercado internacional de forma cuidadosa. É preferível não avançar com tanta rapidez a passar a depender totalmente da indústria estrangeira.

■ **Livre competição** – Então nos amarram os pés e as mãos e dizem: “Briguem.” Os produtos argentinos têm financiamento internacional. Os argentinos compram maquinário financiado por oito anos, com juros de 7% ao ano. E têm créditos para a produção de cada safra, para a compra de adubo, sementes, produtos químicos, embalagens. Como podemos competir?

■ **Financiamento das contas externas** – Ainda vamos definir as linhas gerais da nossa atuação. Queremos abrir mais oportunidades. Primeiro, prioridade para o consumo interno. Depois, exportar o máximo possível. O correto é produzirmos de forma competitiva, para nos impormos no mercado externo. O caso da indústria de calçados é um exemplo. Sem favores, ela se impôs no mercado internacional.

■ **Reforma agrária** – A frente está estudando uma linha de consenso. A posição do PDT é: primeiro, é um problema da maior prioridade; segundo, é uma questão de democratização da propriedade; terceiro, defendemos o direito de propriedade; quarto, vamos traçar metas audaciosas. Vamos fazer um cadastro das famílias de agricultores legítimas que querem terras. O fazendeiro que não produzisse pelo índice de produtividade poderia ter a terra desapropriada. E as invasões? Claro que a prioridade de um governo correto será zelar pela ordem no campo. Nós, do PDT, somos contra invasões como método reivindicatório.

■ **Imposto sobre empresas privatizadas** – Esse é um consenso entre nós. Se foi aplicado na Inglaterra, por que não aqui?

■ **Privatizações** – Vamos nos definir, logo, bem claramente a esse respeito. Mas algumas posições já estão decididas. Primeiro: pára tudo,

para examinarmos o que está ocorrendo. Quase tudo foi feito à custa da população, entre tecnocratas e governantes, entre quatro paredes. Os critérios que sempre defendemos foram de que nas áreas estratégicas, como

petróleo, o Estado deveria ter o controle. Nas não-estratégicas ou sem a necessidade da presença do Estado, podemos ter uma posição mais flexível. Não é um dogma.

■ **Custo Brasil** – Do ponto de vista do PDT, nós somos contra qualquer corte ou redução dos atuais direitos trabalhistas. Quanto à criação de algum direito novo, pode ser possível, em relação a categorias mais marginalizadas, menos atingidas pela legislação. Podemos criar fatores de compulsoriedade. Não nos conformamos com a baixa renda do povo brasileiro, porque isso só ocorre no Brasil. Por que, com a indústria que temos, precisamos ter um salário mínimo menor do que o do Paraguai e de outros países da América Latina? Com é que uma economia como a australiana tem aquele nível de vida? Lá, um peão de campo ganha US\$ 800 por mês e tem aqueles vilarejos, com escolas, casas boas..

■ **Governo das esquerdas** – O governo não é o mesmo que uma empresa privada. Tem de ser responsável por alguns serviços e pôr sua presença, onde for necessário exercer a sua soberania e para garantir os níveis econômico e social da população. Um governo como o nosso não pode abrir mão de um setor estratégico. Já tivemos tudo privado: telecomunicações, energia, transporte. Eu próprio tive que expropriar a ATT no Rio Grande do Sul. Posso garantir que cada centil, cada tostão, cada centavo, será cuidado zelosamente.

NÃO NOS
CONFORMAMOS
COM A BAIXA
RENDA DO POVO